



1 O espaço e os sentidos

É comum, ao estudar a cidade aplicar conceitos provenientes de outros ramos de estudo, no entanto, sem que para tal, o utilizador tenha investigado e limitado com clareza o significado desses mesmos conceitos.

Entendemos que o espaço, é um conceito fundamental e interdisciplinar como objecto de estudo em diversas disciplinas, contudo, o seu significado difere substancialmente, para as várias disciplinas.

Para os arquitectos e urbanistas, assume-se necessário compreender o conceito de espaço assim como as diversas noções e realidades que lhes estão agregadas.

O “espaço” é algo que à semelhança da percepção, levanta dificuldades na sua definição, na medida em que a maioria dos humanos consideram evidente a existência destes dois conceitos, aceitando à partida a desnecessidade de os estudar ou comprovar, uma vez que os entendem como coisas dadas e que não necessitam de definição. Neste capítulo vamos abordar o conceito de espaço e percepção, justificado pela grande importância que estes conceitos aportam no trabalho do arquitecto urbanista bem como referência teórica no processo de leitura do espaço urbano que adiante estudaremos.

1.1 Conceção ingénua de espaço

“Enquanto coordenadas básicas da existência, o espaço e o tempo têm sido objecto de análise por parte das mais diversas áreas disciplinares. O espaço em particular, constitui uma dimensão fundamental no estudo da experiência do ambiente em geral e da arquitectura em particular” (Muga, 2006/2005, p. 69)

Concepções de espaço têm sido caracterizadas de modo diverso ao longo dos tempos, em função dos ramos de conhecimento do qual deriva este conceito, o que se traduz em diferentes tipos de espaço.

Naturalmente consideramos o espaço como algo anterior às coisas que nele se encontram. Rudolf Arnheim escreve:

“...[o espaço], uma vez estabelecido, seja experimentado como um dado sempre presente e auto-suficiente, essa experiência só é engendrada por intermédio da inter-relação dos objectos...” (Arnheim, 1988/1977, p. 18)

Perante esta visão, o espaço é entendido como o vazio existente entre as coisas, com a característica de estender-se uniformemente em todas as direcções.

A nossa vivência acontece no espaço, o qual ocupamos, nos movemos e imaginamo-lo como um depósito neutro, uniforme e constante. Como recipiente vazio que aguarda ser ocupado por algo.

No entanto, a definição de espaço não se encerra nesta visão ingénua, existem outros modos de o caracterizar. Podemos definir o espaço sob o ponto de vista cénico das acções humanas, o espaço que nos envolve, no qual desenvolvemos o nosso dia-a-dia. Esta concepção é a mais imediata desenvolvida pelas culturas primitivas e pelas crianças no seu processo de aprendizagem. Este designa-se por pragmático.

A par deste conceito de espaço pragmático, encontramos o da percepção imediata. Situa-se num campo mais abrangente contemplando a nossa visão, ainda que semelhante ao anterior, no entanto não se limita ao mundo da acção mas inclui o campo da nossa visão. Assim um cego é capaz de captar o espaço pragmático, mas não o perceptivo imediato. Estes dois espaços, o pragmático e o perceptivo, estão contidos no espaço existencial. Este é um espaço gerado por esquemas mentais elaborado pelo homem acerca do que o rodeia.

Existe um nível mais genérico ao qual corresponde o “espaço cognitivo do mundo físico”, este espaço caracteriza-se por uma ideia de espaço universal, único, onde todos os seres vivos encontram o seu lugar. É um espaço físico genérico, no qual planetas, estrelas,

visíveis ou invisíveis têm cabimento. No entanto, os entes espirituais não estão neste espaço. Um dos problemas que as teologias constataam é que os seres não materiais não fazem parte deste espaço.

Podemos ainda considerar um espaço meramente abstracto, matemático, com relações puramente lógicas, capaz de se desenvolver em várias dimensões que não se consegue imaginar com os meios do espaço físico tridimensional. A geometria euclidiana estaria localizada entre o espaço cognitivo físico e o espaço abstrato-matemático.

Numa dimensão diferente o homem apropria-se do seu espaço imediato, criando o seu espaço existencial carregado com o sentido e significado, considerando-o como próprio. Este espaço concreto que cada indivíduo dota de significado pessoal, é algo que podemos designar por espaço estético na medida que está representado pelas nossas experiências pessoais e sobre ele direccionamos nossos sentimentos e sensibilidade.

Este espaço expressivo ou estético criado pelo Homem, para si próprio, está relacionado com todos os anteriores tipos de espaço que mencionamos nesta abordagem.

Assim partindo de uma concepção ingénua ou imediata do espaço, podemos diferenciar até seis categorias de ideia de espaço: pragmático, perceptivo, existencial, físico, matemático e expressivo.

Vamos estudar de modo mais pormenorizado cada um destes diferentes modos de entender o espaço.

1.2 O Espaço psicológico

O espaço psicológico assume para nós uma importância fundamental, uma vez que a parte da análise urbana se baseará em questões relacionadas com a percepção individual sobre o espaço que nos envolve, sob o ponto de vista urbano. Passamos então ao estudo deste tema.

A psicologia, diante de todas as outras vertentes, será o ramo do saber que mais contribuirá na formulação de teorias para a formulação de conceitos directamente relacionados com o espaço urbano. Baseamos a nossa afirmação no facto da psicologia, para além de usar um caminho conceptual, preocupar-se em compreender como se forma no homem o conceito de espaço; em segundo como o percebe e finalmente como o interpreta.

Consideramos assim importante o contributo que esta disciplina do saber confere aos estudos do espaço urbano e assim dedicámos o capítulo seguinte ao estudo do processo perceptivo.

A ideia que está subjacente ao espaço no âmbito da psicologia relaciona-se diretamente com a experiência espacial do homem sobre esse mesmo espaço.

Definimos esta experiência espacial, utilizando a ideia de Heidegger que o homem manipula a realidade, manipula o que tem à mão. Deste modo:

“... el hombre, «cura de» las cosas en el mundo, a partir de lo «a la mano» o sea, a partir de la manipulación del mundo de forma directa...” (Muntañola, 1974, p. 32)

De acordo com esta perspectiva, entendemos que o homem manipula a realidade do que tem acessível, começando assim a formar um primitivo conceito de lugar. Este conceito começa pelo que o envolve e ele mesmo. Primeiro com o que tem à mão, depois com o que tem à vista e que lhe permite criar o conceito de distância e por fim, a abstracção dessas sensações e experiências do que o envolve, para chegar à ideia de espaço.

“El espacio es, por consiguiente, el producto de una interacción entre el organismo y el ambiente que lo rodea en que es imposible disociar la organización del universo percibido de la actividad misma”. (Piaget apud Norberg-Schulz, 1975, p. 20)

Segundo este mesmo sentido, Norberg-Schulz afirma que grande parte das acções humanas contêm um aspecto “espacial” uma vez que implicam relações de dentro/fora, contínuo/descontínuo, separado/unido, próximo/distante às quais chama de critérios de orientação na interacção do sujeito com o meio que o envolve.

“El espacio, por consiguiente, no es una categoría particular de orientación, sino un aspecto de una orientación cualquiera. Sin embargo, debería subrayarse que sólo es un aspecto de la orientación total. Para poder llevar a cabo sus intenciones, el hombre debe “comprender” las relaciones espaciales y unificarlas en un “concepto espacial”. (Norberg-Schulz, 1975, p. 9)

Podemos concluir que para a psicologia, espaço é um sistema mental que o homem vai construindo pela experiência com o seu entorno. Neste sistema de construção da ideia de espaço sensação tátil precede a visual resultando na primeira estrutura mental de espaço, posteriormente a este sucedem-se outras mais complexas e abstractas.

“Es completamente evidente que la percepción del espacio implica una construcción gradual y ciertamente no existe ya de antemano al iniciarse el desarrollo mental”. (Norberg-Schulz, 1975, p. 11)

Arnheim acrescenta que uma vez atingido o conceito de espaço no Homem, posteriormente se atingirá um nível de abstracção mental e de estabilidade que nunca mais o abandonará ao longo da vida.

“ [o espaço] uma vez estabelecido, seja experimentado por intermédio da inter-relação dos objectos. Eis a segunda resposta à pergunta: o que é o espaço? A percepção do espaço só se verifica em presença de coisas perceptíveis.” (Arnheim, 1988/1977, p. 18)

Falamos de estrutura mental e cabe aqui fazer uma abordagem às suas características:

A primeira característica a entender é conseguir distinguir entre coisas e movimento. Esta é a característica mais imediata na estrutura inicial desse esquema. Consiste em reconhecer numa percepção contínua e em transformação, sempre em movimento, aquilo que permanece e ser capaz de identificar as coisas ainda que se movam. Exemplo desta teoria é a experiência de Piaget em que quando uma criança corre atrás de uma bola e algum objecto tapa a bola, para a criança a bola desapareceu. Quando volta a aparecer, esta mesma bola, para a criança, é entendida como uma nova bola. A criança não consegue identificar que o objecto é o mesmo. Conseguir identificar que aquela bola quando é ocultada por um objecto, é a mesma bola quando reaparece, é um processo lento e difícil para a criança, sendo a primeira meta a conseguir na construção de espaço na criança.

“La experiencia más básica es que las cosas son “permanentes”, aunque pueden desaparecer y reaparecer de nuevo. La meta es “la construcción de objetos permanentes bajo las imágenes móviles de inmediata percepción” (Norberg-Schulz, 1975, p. 19)

1.3 Percepção

“Numa perspectiva platónica e espontânea, o espaço é a mãe e o receptáculo de todas as coisas, é um contentor, uma entidade vazia capaz de ser enchida com coisas. Este ponto de vista não coincide com o perceptivo. O espaço é, à partida, intangível, ilimitado e incapturável; são necessários intermediários para o tornar visível: a luz, a superfícies limite e a forma (...). Ou seja, a percepção do espaço é algo criado por intermédio da inter-relação dos objectos, é uma entidade criada por uma constelação particular de objectos naturais e feitos pelo Homem.” (Muga, 2006, p. 61)

O termo percepção é usado em diversas abordagens de referencial teórico no ramo da Psicologia, na Filosofia bem como na Pedagogia como um auxílio à compreensão e interpretação do mundo.

A percepção é um processo que desde o século XIX tem sido objecto de investigação por parte de diversas correntes científicas atribuindo-se os maiores avanços à percepção ambiental.

“...a colaboração entre arquitectura e urbanismo e a psicologia nos oferece vastas possibilidades, em especial com a chamada psicologia ambiental, uma das várias denominações para o estudo das implicações psicológicas e psicossociais das inter-relações entre o homem e o meio ambiente... os três principais campos de estudo abordados pela psicologia ambiental... a percepção, a cognição e o comportamento...” (Del Rio, 2002, p. 203)

As investigações da percepção ambiental estão no foro da psicologia, contudo, não se limitam a ela. Desde a sua origem que se assiste a uma relação próxima com os estudos de arquitectura, urbanismo, geografia e ecologia.

Nós humanos, não nos questionamos porque motivo vemos o que vemos, ou o modo como o fazemos. Para nós, ver é o meio mais rápido e natural utilizado para tomar conhecimento do que nos envolve, consequentemente, não nos consciencializamos das suas particularidades e complexidades. Veremos é olhar para algo, no entanto, a construção da imagem do que vemos não acontece no aparelho visual mas sim no cérebro. A informação que detemos sobre o mundo, chega-nos pelos sentidos, sendo interpretada e gerida pelo cérebro.

A relação do que vemos com o que pensamos que vemos, que é a construção mental por nós feita dos estímulos visuais, é resumida por Paul Valéry, referido por Pernão (2005, p. 42): *O ser humano vive e move-se naquilo que vê, mas vê apenas aquilo que pensa...*

Contudo, *ver* é uma palavra com uma tríade de significados, sobre os quais vamos reflectir.

Segundo Pernão (2005):

Ver-olhar, ver-observar, ver-entender, são três significados diversos, mas com a mesma palavra. O *ver-olhar* será a sua vertente neuro-fisiológica, nas quais as características do aparelho visual são determinantes. *Ver-observar* subentende uma descodificação do estímulo, já inclui um processo de comparação e classificação, resultando já na incorporação

da acção do cérebro. O *ver-entender* é um nível de grau elevado, no qual pressupõe a elaboração de um juízo em relação ao olhado e observado.

Vicente Del Rio, a respeito do conceito de lugar e citando Tuan, também reconhece estas três categorias

“... quando podemos entendê-lo e coordená-lo através dos sentidos, conhecimento e sensações, ele torna lugar”
(Tuan, 1974 apud Del Rio, 1990, p. 96)

“O problema da apreensão do objecto pelos sentidos é o problema número um do conhecimento humano. A primeira aquisição científica, a primeira aquisição filosófica e a primeira aquisição estética estão reunidas de início no nosso poder de perceber as coisas pelos sentidos. O primeiro olhar do homem contém em si, em germe, todo o futuro de sua civilização. Em que consiste esta apreensão do objecto pela visão? Em distinguir lá fora uma dada estrutura. Tudo no mundo está aí para ser visto, ouvido, cheirado, tocado, sentido, percebido, enfim. Esta é a experiência imediata. Sobre ela o homem construiu os impérios, edificou seus monumentos, organizou a vida, elaborou a ciência, inventou as religiões com os seus deuses, criou a arte. Do ápice dessas realizações imensas, o homem tende a esquecer a célula, a base humilde de todas essas conquistas e maravilhas, a percepção.” (Ramos, E., Zago, R. & Lopes, V., 2007, p. 9)

A percepção é o factor fundamental de distinção entre atitude natural e a atitude fenomenológica no panorama dos estudos da fenomenologia. A fenomenologia procura estudar o fenómeno, termo com origem do grego *phainestai*, designa o que se amostra, o que se apresenta.

Segundo Husserl, no panorama da atitude natural o propósito diz respeito às coisas em si, concretizando, às coisas presentes fora do campo da percepção. São consideradas as asserções relacionadas de uma forma lógica, relacionadas com um tema de conhecimento, sem crítica. Na atitude fenomenológica, as coisas são respeitantes à percepção e conexas à consciência.

Merleau-Ponty (1999) afirma que *perceber é recordar-se*, no entanto é necessário que as recordações sejam possíveis pela aparência dos dados (p. 43, 44). Haverá uma organização, uma estrutura, nos estímulos recebidos que accione a recordação (p. 44). Esta recordação do autor Merleau Ponty entendemos como **memória**.

“Para lidar com a diversidade do manancial de estímulos do ambiente em que vivemos, abstraímos determinadas características, que sintetizamos sob a forma de imagens e conceitos, aptos a serem registados no cérebro. Trata-se de elementos abstractos que

re(a)presentam objectos e factos concretos e que, uma vez registados, serão reactivados em posteriores experiências, passando a funcionar como intermediários entre nós e o ambiente. Estes processos cognitivos constituem as funções da memória – uma estrutura mental que têm a função de registar e recuperar a informação. Sem memória não seria possível ver, ouvir ou pensar, no sentido mais global do termo. Ou seja, sem memória seria possível ver e ouvir, mas os conteúdos da visão ou da audição não teriam qualquer significado, do mesmo modo que carece de significado a visão dos caracteres chineses ou da fala chinesa para alguém desconhecedor dessa língua.” (Muga, 2006/2005, p. 83)

Assim, primeiro recolhemos e separamos dados, posteriormente serão interpretados. Este autor define percepção como um primeiro momento, anterior ao acto reflexivo sobre os dados por este apreendido.

“A percepção é um juízo, mas que ignora as suas razões, o que significa dizer que o objecto percebido se dá como todo e como unidade antes que nós tenhamos apreendido a sua lei inteligível (...)” (Merleau-Ponty, p.73)

A comparação dos estímulos captados pelos sentidos em conjunto com a memória de anteriores experiências é para diversos autores a última fase da percepção, também referida **cognição**. Arnheim no seu livro “*Arte e percepção visual*” refere:

“A forma de um objeto que vemos, contudo, não depende apenas de sua projecção retiniana numa dado momento. Estritamente falando, a imagem é determinada pela totalidade das experiências visuais que tivemos com aquele objeto ou com aquele tipo de objeto durante toda a nossa vida” (Arnheim apud Moutinho, 1994, p. 22)

Weber (1996 in Pernão, 2006, p. 13) compara que enquanto a percepção se caracteriza pelo fenómeno de aquisição de uma imagem mental de um objecto, a cognição verifica-se quando essa imagem ganha valor, no universo do conhecimento.

Segundo Weber (2006) a percepção é o processo de separação e unificação pelo qual os estímulos recebidos são ordenados, e a cognição é a conceptualização desses estímulos que aglomera reconhecimento, memória e pensamento.

Derefeldt (2004), define a percepção como o registo imediato de objectos ou acontecimentos do mundo real no cérebro, a cognição refere-se aos processos subsequentes de hierarquia elevada correspondentes à classificação semântica e verbal das percepções, ou a imagem mental dos objectos e acontecimentos.

O efeito *stroop* é usualmente referido por possibilitar o reconhecimento da existência destes dois processos, cognição e percepção, uma vez que provoca o conflito entre elas. Se pedirmos a alguém para ler as palavras da imagem, essa tarefa será executada rapidamente. Se pedirmos para essa pessoa, a mesma pessoa, nos ir dizendo as cores com que estão escritas essas palavras, o processo torna-se confuso e demorado.

VERMELHO VERDE AZUL AMARELO
VERDE AZUL AMARELO VERMELHO
AZUL VERMELHO AMARELO VERDE
VERDE AMARELO VERMELHO AZUL

Figura 1 - Efeito stroop; adaptação do autor

Outro exemplo, quando nos é pedido para dizer qual a cor da palavra vermelho que está pintada a verde, a indecisão que sentimos e o tempo que levamos a para o dizer mostram o conflito entre significado cognitivo de palavra vermelho e a percepção de cor é verde (Derefeldt, G e tal. 2004. p.10)

“A forma de um objecto que vemos, contudo, não depende apenas de sua projeção retiniana num dado momento. Estritamente falando, a imagem é determinada pela totalidade das experiências visuais que tivemos com aquele objecto ou com aquele tipo de objecto durante toda a nossa vida” (Arnheim, 1997, p.40)

É importante compreender que o processo perceptivo é complexo, e «esta construção dos sentidos na mente humana, (...), dar-se-iam através do processo cognitivo, o qual possuía três fases distintas de *percepção* (campo sensorial), *selecção* (campo da memória) e *atribuição de significados* (campo de raciocínio).» (Kanashiro, 2003, p.156)

Na figura que em seguida apresentamos, podemos observar o *modelo perceptivo*, o qual sugere como o meio ambiente percebido, pode ser imaginado a partir de estímulos exteriores e, por outro lado, como os filtros podem evocar diferentes imagens de mundo “real”.

1.4 Os sentidos

Apesar da diversidade de superfícies encontradas na terra bem como as formas de vida que ali se estabelecem, mais diversificadas são as formas como os indivíduos percebem essa superfície. A visão da mesma realidade difere de pessoa para pessoa. Mesmo a visão científica está relacionada com a cultura da qual resulta uma perspectiva entre muitas

possíveis. É certo que existem percepções comuns participadas pelas diferentes pessoas consequência semelhança de possuírem órgãos perceptivos idênticos. Ainda que todas as pessoas possuam órgãos perceptivos idênticos, a maneira como as suas aptidões são usadas e desenvolvidas começa a ser diferente desde uma idade bem precoce. Esta diferença, concretiza-se não exclusivamente pelas atitudes com o seu entorno, mas também pela capacidade efectiva dos seus sentidos, na medida em que um indivíduo em uma determinada cultura poderá desenvolver um tacto apurado para olaria, enquanto os de outra cultura alcançam um apurado sentido auditivo, no caso por exemplo de um índio amazónico, por razões de fraca visibilidade pela densa folhagem da floresta. No entanto, ambos vivem num mundo onde predomina a visão, donde um será aprimorado por contacto manual com a matéria, o outro pela subtilidade dos sons.

Para Lynch (1999) a construção da imagem do meio ambiente acontece através da seguinte forma:

“As imagens do meio ambiente são o resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio. O meio ambiente sugere distinções e relações, e o observador – com grande adaptação e à luz dos seus objectivos próprios – selecciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê. A imagem, agora assim desenvolvida, limita e dá ênfase ao que é visto, enquanto a própria imagem é posta à prova contra a capacidade de registo perceptual, num processo de constante interacção. Assim, a imagem de uma dada realidade pode variar significativamente entre diferentes observadores.” (Lynch, 1999/1960, p. 16)

Segundo Tuan (1974) o homem tem capacidade para interagir com o meio com os cinco sentidos, visão, audição, tacto, olfacto e paladar, no entanto ele é um ser predominantemente visual.

Este predomínio da visão poderá conduzir falaciosamente as pessoas à ideia de que a realidade é aquilo que está ao alcance dos nossos olhos, na medida em que quase 90% da actividade dos nossos sentidos se prende com a visão. A visão do homem é estereoscópica, o que por um lado limita o seu campo visual, por outro é a garantia da realidade até certo ponto da informação recebida. A visão binocular, característica inata ao homem, ajuda o homem a ver os objectos nitidamente como corpos tridimensionais.

É certo que os olhos captam informações de um modo mais rigoroso e detalhado sobre o entorno do que os ouvidos, no entanto de um modo geral somos mais sensibilizados pela informação auditiva do que pela visual. Por exemplo uma trovoadas, o barulho do trovão é mais impactante do que propriamente a imagem do raio. Escutar uma melodia será mais

emocional para a grande maioria das pessoas do que apreciar um quadro. A nossa vulnerabilidade aos sons poderá ser explicada pelo facto de ser quase impossível os evitar, na medida em que podemos fechar os ouvidos da mesma maneira que temos a possibilidade de fechar os olhos, gerando em nós um sentimento de vulnerabilidade aos sons. A audição apresenta um carácter de passividade, que não acontece na visão.

Relativamente ao olfacto, é o sentido por excelência descurado pelo homem da nossa sociedade. O ambiente ideal cada vez mais parece caminhar no sentido da ausência de cheiros. A própria palavra odor é quase sempre utilizada em situações de mau cheiro. O odor tem o poder de lembrar experiências vividas carregadas emocionalmente de eventos e cenas passadas. Para uns, o poder de um odor transportar-nos ao passado pode estar relacionado com o facto do córtex com a sua grande reserva de lembranças avançam daquela parte do encéfalo, originalmente relacionada com o olfacto (Tuan, 1974, p. 07-12)

Depois de termos feito um percurso por todos os sentidos, podemos concluir que o ver não é sinónimo do envolvimento completo das nossas emoções. Podemos ver, pela tela da televisão, que uma guerra é feia e indesejável, mas o quão ela é indesejável é percebido quando se está no terreno e se sente o cheiro constante a pólvora, se escuta os gritos de sofrimento, se tocam os corpos em sofrimento e se sente no paladar o sabor constante a terra.

Embora o campo visual seja maior que o campo dos outros sentidos a pessoa que apela somente ao sentido da visão é um espectador, colocado fora do acontecimento real.

1.5 Do processo perceptivo e a percepção ambiental

Optamos por estudar o processo de conhecimento da realidade, dos objectos e do meio ambiente envolvente seguindo a Teoria Geral do Conhecimento aplicada por Hessen que aplica o princípio fenomenológico na tentativa de captar a essência geral do fenómeno concreto.

Para Hessen, o conhecimento constitui-se por três elementos fundamentais: o sujeito, a imagem e o objecto. O sujeito é beneficiado de capacidade cognitiva; aquele que, pela sua capacidade, tem condições para conhecer. O objecto não possui capacidade cognitiva; aquele que será conhecido. A imagem é o conjunto de características do objecto captadas pelo sujeito.

Os objectos físicos conseguem produzir uma imagem relevante no observador. Esta característica segundo Lynch, podemos entender como imaginabilidade, legibilidade ou

visibilidade quando os objectos têm capacidade de se apresentarem de modo veemente aos nossos sentidos.

“Uma vez que colocamos o ênfase no meio ambiente físico como a variável independente, este estudo procurará qualidades físicas que estão relacionadas com os atributos da identidade e estrutura da imagem mental. Isto leva à definição daquilo a que podemos chamar *imaginalidade*: àquela qualidade de um objecto físico que lhe dá uma grande probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador. É essa forma, cor, disposição, que facilita a produção de imagens mentais vivamente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis no meio ambiente. Também pode ser chamada *legibilidade* ou talvez *visibilidade* em sentido figurado, onde os objectos se podem não apenas ver, mas também são apresentados de uma forma definida e intensa aos nossos sentidos.” (Lynch, 1999, p. 19, 20)

Segundo Del Rio (1990) o modo como o Homem se comunica é através de um processo cognitivo, que se constitui pela construção do sentido nas nossas mentes. Este processo é formado por três fases diferentes, a percepção, orientada pelos estímulos externos, resultantes dos cinco sentidos, dos quais a visão tem destaque. A selecção, relacionado com o campo da memória e por último a atribuição dos significados, relacionado com o campo da inteligência e raciocínio, num caminho que conduz a dois fins específicos, acção e memorização.

O que geralmente se designa por paisagem ou objecto não corresponderá na verdade ao real, mas sim ao resultado dos processos mentais, obtidos através de filtros perceptivos, que se encontram entre o sujeito e o objecto observado.

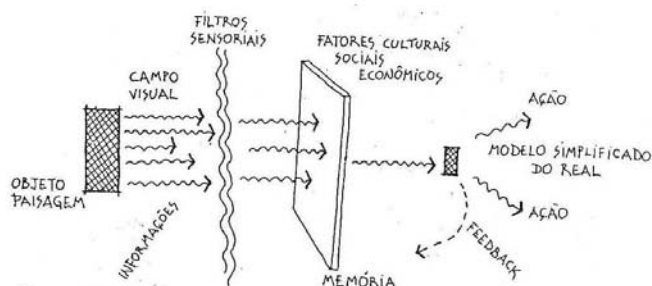


Figura 2 - Interpretação esquemática do processo de percepção/cognição/resposta; Fonte: Del Rio (1990)

“... A percepção é acima de tudo, um processo seletivo, pois nós só percebemos aquilo que nossos objetivos mentais nos preparam para perceber. Além disto, é reconhecidamente um processo visual, primordialmente visual, pois dentro todos os nossos sentidos é a visão o mais prevalente.” (Del Rio, 1990, p. 92)



Figura 3 - A percepção é processo selectivo e depende de factores como os valores socioculturais e individuais;

Fonte: Del Rio (1990, p. 92)

Segundo Del Rio (1990) O objectivo destes estudos, no Desenho Urbano, prendem-se com a identificação da imagem que os usuários têm do ambiente onde habitam e recolher a memória colectiva, de modo a perceber de que forma e com que intensidade se deverá organizar as directrizes de intervenção para a organização físico-ambiental.

Tuan (1974) defende que em relação à escala da percepção humana, os objectos ou paisagens que percebemos são proporcionais ao tamanho do nosso corpo. Nem o muito pequeno, nem o muito grande, na vida diária, faz parte do nosso campo de visão. Notamos árvores, relva, arbustos, mas quase nunca reparamos nas folhas individuais; vemos a areia, mas não os seus grãos individuais. A mente humana consegue calcular dimensões astronómicas de modo abstracto; não podemos, porém, imaginar distâncias astronómicas. Da mesma lógica podemos apontar a percepção de um visitante, ou turista sobre um determinado ambiente, o seu olhar será superficial, ao passo que o nativo, tem uma atitude intensa resultado da sua imersão nesse meio ambiente. Por outro lado, o visitante é capaz de perceber méritos e defeitos de um ambiente, que deixaram de ser perceptíveis para aquele que é residente.

Para Del Rio (1990) o trabalho de Lynch, na década de 60, foi um factor fundamental de influência sobre o estudo da percepção ambiental e da imagem da cidade, procurando entender a subjectividade da satisfação humana, bem como atributos e qualidades percebidas pela população e respectivas condutas

Em relação aos filtros perceptivos podemos ir um pouco mais além do que a afirmação que existem, assim podemos classifica-los em fisiológicos, individuais (psicológico) e o social.

O filtro fisiológico é o que possibilita a transmissão dos estímulos recebidos pelos sentidos do mundo exterior para o cérebro. Este filtro é variável de acordo com a suficiência ou deficiência dos sentidos de cada pessoa.

O filtro individual (psicológico) acrescenta à informação captada pelos nossos sentidos a informação proveniente do nosso mundo interior, no plano da ordem afectiva. Este filtro vai condicionar a nossa significação de determinado objecto no processo de elaboração representacional.

O filtro social efectua a comparação entre a imagem mental e as vivências de ordem cultural e educacional. Sem dúvida, este filtro encontra a sua origem na família, na própria formação cultural do indivíduo. A partir deste filtro, podemos diferenciar visões de realidade, na medida em que os usos e costumes são capazes de alterar a forma de perceber as coisas, interpretá-las e interagir com elas.